





FLÁVIO DE CARVALHO

Apresentação

POR ANA MARIA MAIA E RENATO REZENDE

Ana Maria Maia é pesquisadora e
curadora de artes visuais e

Renato Rezende é poeta, ensaísta
e editor.

Flávio de Carvalho foi um midiático. Como arquiteto, artista visual, dramaturgo, crítico, animador cultural e pesquisador de psicologia, etnografia e história, sempre usou os veículos de comunicação como espaço para repercutir pensamentos e enfrentar a audiência do seu tempo. Enfrentar no sentido de ir ao encontro mas também ir de encontro, declarar partidos e galgar antagonismos expressos. Entre 1922, quando voltou a São Paulo depois do período de estudos na França e na Inglaterra, e 1973, quando faleceu na sua casa modernista da Fazenda Capuava, em Valinhos, foram inúmeros os casos em que as atividades de Flávio se apresentaram na forma de depoimentos públicos ou motivaram coberturas e respostas na imprensa.





O projeto “Eficácia” (1927) foi um dos primeiros a suscitar debate público. Participou sem êxito do concurso para o Palácio do Governo de São Paulo e sua irônica alegoria do estado como fortificação, com painéis interiores dedicados à natureza e à cultura locais, despertou repúdio da população, manifesto nas sessões de cartas dos leitores de jornais correntes. Resguardando-se neste caso por trás de um pseudônimo, o arquiteto e suas propostas foram defendidos por Mário de Andrade, em três artigos publicados no *Diário Nacional*. Entre 1931 e 1934, outras três ações foram amplamente debatidas na imprensa: o episódio da *Experiência nº 2* (1931), em que o artista caminhou no sentido contrário a uma procissão de Corpus Christi, desacatando os fiéis; a encenação da peça *O bailado do Deus morto* (1933), que ocasionou o fechamento do Teatro da Experiência do Clube de Artistas Modernos (CAM); e a primeira mostra individual de Flávio, que foi censurada pela polícia de costumes.

Por reconhecer a radicalidade das suas práticas e querer com ela justamente contribuir para a reconfiguração dos valores de uma sociedade e de um sistema da arte paulistanos que julgava extremamente provincianos, o artista dedicou-se a argumentar em favor dos seus projetos e das premissas neles envolvidas, deixando com isso um amplo legado discursivo. Mais do que um simples desdobramento dos trabalhos que materializou (ou dos que não realizou, se considerarmos a sua arquitetura utópica, em que apenas os projetos autofinanciados foram construídos), os depoimentos verbais e textuais constituem um corpo fundamental para a obra de Flávio. Ratificam o foco em um projeto de arte total, capaz de reunir diferentes linguagens em nome da construção de um meio cultural articulado, consciente, crítico e inventivo. Ratificam ainda um compromisso com a fala pública, com o papel de todo artista como “intelectual público” do seu tempo.

Já nos anos 1950, no contexto de uma São Paulo agora sim em vias de modernização – o que na arte culmina na realização





da I Bienal do Museu de Arte Moderna (1951) e nas comunicações consagra a abertura da primeira emissora de TV, a TV Tupi (1950) –, Flávio assumiu uma coluna no jornal *Diário de S. Paulo*, intitulada “Casa, homem, paisagem”. A coluna durou de dezembro de 1955 a outubro de 1956, e dela nasceram os escritos do artista sobre a evolução da indumentária nos trópicos, que logo receberam o subtítulo “A moda e o novo homem”.

Devido à coluna e ao seu passado polêmico, Flávio era naquela altura uma figura bastante conhecida na cidade. Sua intimidade com as redações, onde teve seu primeiro emprego como ilustrador ao voltar para o Brasil, e, além de tudo, sua proximidade com os empresários da mídia, como Assis Chateaubriand, dono de jornais como o *Diário de S. Paulo* e da TV Tupi, facilitaram seu acesso às pautas dos noticiários. Em 1956, quando, depois de publicar os textos sobre moda, saiu às ruas na “Experiência nº 3” para demonstrar um “New look” de saiote e blusão para os homens em dias de calor, o artista suscitou uma cobertura jornalística vasta, com relatos, fotografias e até uma demonstração do traje no programa televisivo apresentado pelos atores Paulo Autran e Tônia Carrero. Quando Flávio decidiu ir à Amazônia para “Experiência nº 4”, a façanha midiática se repetiu. Para custear a viagem e as filmagens da saga da deusa Umbelina Valéria, o artista fez acordos com grupos como os Diários Associados e a revista *Time Life* para venda de matérias de sua autoria sobre o processo. A cobertura foi ampla, mas a expedição não foi concluída.

As entrevistas e depoimentos compilados neste livro correspondem a diversos momentos da trajetória midiática do artista e ao seu hábito de colecionar álbuns de recortes com suas aparições, principalmente em jornais e revistas. Alguns desses álbuns encontram-se no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE, na Universidade de Campinas, entre fotografias, manuscritos, biblioteca pessoal e demais itens que





integram o Fundo Flávio de Carvalho. Vale, portanto, ressaltar que a coleção do próprio artista foi usada como fonte de pesquisa para esta edição. Além dela, na qual puderam ser acessados grifos e notas que Flávio costumava fazer sobre os recortes, a lista de publicações de e sobre o artista que Rui Moreira Leite anexou à sua tese de doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1994, também orientou o início do trabalho editorial.

Entre mais de uma centena de textos coletados, foram escolhidos os 34 aqui incluídos. Sua organização não corresponde a uma cronologia, mas pretende delinear assuntos que interessam a Flávio, como a cidade, as “linhas de força” do humano e da sua criatividade e a reinvenção do projeto moderno a partir do contexto latino-americano o artista abordava essas temáticas na fronteira entre disciplinas e práticas, e demonstrava interesse pelos mecanismos de recepção e legitimação social de suas propostas.

Pouco depois de lançar o conceito de antropofagia no manifesto de 1928, Oswald de Andrade considerou Flávio de Carvalho o “antropófago ideal”, por sua habilidade de cruzar zonas de conforto, promulgar os modos de vida do “homem nu” e constantemente inverter valores e relações constituídas. Essas características, que tornam sua obra extremamente livre de estereótipos mas, talvez por isso, difícil de ser catalogada e entendida em sua complexidade, encontram um canal extremamente eficaz na voz do artista.

*

